

Paul Theroux

O Último Comboio para a Zona Verde

Do coração de África até Angola,
o meu último safari

Tradução de Maria Filomena Duarte



QUETZAL serpente emplumada | Paul Theroux

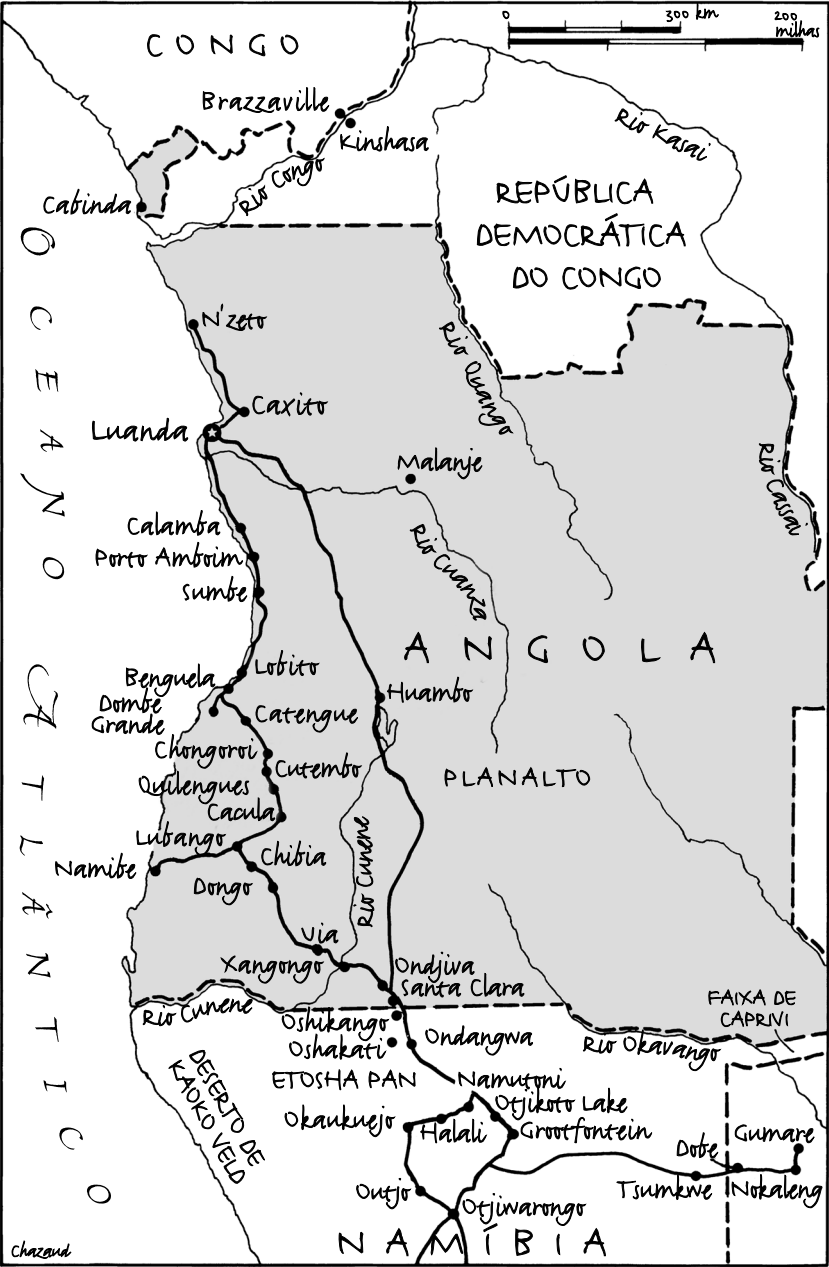
«Quando o meu pai costumava viajar, não receava a noite. Mas tinha todos os dedos dos pés?»

— *Provérbio bakongo (Angola)*

«Deus Todo-Poderoso disse a Moisés, que a paz esteja com ele: Pega numa vara de ferro e usa sandálias de ferro, e depois viaja pela terra até a vara se partir e os sapatos se gastarem.»

— *Muhammad bin al-Sarraj, Uns al-Sari wa al-sarib*
(*Um Companheiro de Viajantes Diurnos e Noturnos*),
1630, traduzido para língua inglesa por Nabil Matar





No Meio do Povo Irreal



NO MATO PLANO E QUENTE do distante nordeste da Namíbia, atravessei um enorme monte de térmitas de areia fofa, tasquinhada pelas formigas, e somente com esta minúscula elevação debaixo dos meus pés se abriu a paisagem num leque majestoso, como as páginas folheadas de um livro por ler.

Em seguida, recomecei a andar atrás de uma fila de homens e mulheres pequenos, quase nus, que caminhavam apressadamente sob um céu listado de fogo dourado, através do mato seco do que outrora era conhecido grosseiramente em africânder por Boesmanland (Terra dos Boxímanes) — mulheres de seios descaídos a rirem-se entre si, um bebé cuja cabeça parecia um fruto penugento a balouçar na canga de uma mulher, homens de tanga de couro agarrados a arcos e flechas, éramos nove ao todo — e eu pensava, como pensara durante os anos passados a viajar na Terra, no meio da humanidade: os melhores trazem o rabo à mostra.

Feliz de novo, de regresso a África, o reino da luz, eu calcorreava um novo trilho, a pé nesta paisagem antiga, deleitado com «um passado imaginável, palpável e visitável — nas distâncias mais curtas e no meio dos mistérios mais nítidos.» Acocorava-me entre espinheiros com gente esguia de pele dourada que era o povo mais antigo da Terra, que ostentava uma

linhagem identificável até aos obscuros e retrógrados abismos do tempo no Plistoceno Superior, há cerca de trinta e cinco mil anos, os antepassados incontestados de todos nós, os verdadeiros aristocratas do planeta.

O ronco de um animal sobressaltado que não se via obrigou-nos a parar. Depois, os seus quartos traseiros a vergastar os arbustos. Em seguida, o ruído dos cascos nas pedras soltas.

— Kudu — disse um dos homens em surdina, curvando-se para ouvi-lo a afastar-se sem olhar para o lado, como se pronunciasse o primeiro nome de alguém que conhecia. Falou outra vez, e embora eu não o percebesse, escutei-o como se fosse música nova; a sua linguagem era grotesca e melodiosa.

Nessa manhã em Tsumkwe, a povoação mais próxima — mas não uma vila, só uma encruzilhada queimada pelo sol, com muitas choupanas e poucas árvores frondosas —, eu tinha ouvido no meu rádio de ondas curtas: *Os mercados financeiros mundiais estão agitados e enfrentam a pior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Os países da Zona Euro aproximam-se da desintegração, visto que se espera que a Grécia entre em bancarrota, pois o seu Governo recusou um empréstimo de 45 mil milhões de dólares para reduzir a dívida.*

As pessoas que eu seguia riam-se. Falavam khoisan, um subgrupo do povo !Kung que se autodenominava Ju/'hoansi — um nome cacarejante, difícil de pronunciar, que significa «Povo Verdadeiro» ou «Povo Inofensivo». Caçadores-recoletores tradicionais, eles não tinham história de usar dinheiro. Ainda hoje, empurrado para as margens da chamada *Terra dos Boxímanes* (conheciam esta zona por Nyae Nyae) — e distribuída de forma irregular, com algumas cabeças de gado e culturas —, este povo raramente via dinheiro e pouco utilizava a matéria em decomposição. Continuava a complementar a sua dieta caçando, arrancando raízes e pilhando, além de aceitar donativos caridosos. Provavelmente não pensava em

dinheiro, e se pensava, sabia que nunca o teria. Enquanto os gregos se revoltavam, gritando contra o Governo, os italianos exibiam a pobreza nas ruas de Roma, os portugueses e os espanhóis contemplavam apáticos a bancarrota, e os noticiários falavam de colapso, de moedas sem valor e de medidas de austeridade, os Ju'hoansis eram indestrutíveis em todos os seus velhos costumes, ou assim me pareciam na minha ignorância.

A mulher jovem que ia à minha frente ajoelhou-se na areia. Tinha um rosto encantador, pueril, com traços asiáticos — mas lembrava também o de um extraterrestre — que a maioria do povo San possui; ou seja, pedomórfico, o rosto inocente e cativante de uma criança. Passou os dedos à volta de uma planta rastejante finíssima que brotava da areia, de cócoras, apoiada num cotovelo, e começou a cavar. A cada cavadela e mão-cheia de areia, os seus olhos brilhavam, os seios tremiam e os mamilos roçavam na terra, uma das menores titilações desta excursão. Um minuto depois, extraiu do buraco escuro e estranhamente húmido que abrira um tubérculo em forma de dedo e embalou-o na mão. Enquanto sacudia o pó da raiz, esta clareou na ponta dos seus dedos. A sorrir, a jovem ofereceu-me a primeira dentada.

— *Nano* — disse ela, e a palavra foi traduzida por «batata».

Era estaladiça e possuía a textura e o sabor adocicado a terra da cenoura crua. Devolvi-a, e ela foi equitativamente partilhada, uma dentadinha a cada um, nove ao todo. Nas florestas, nos desertos e nas encostas de todo o mundo, os povos recoletores como o Ju'hoansis são escrupulosos no que respeita à partilha de alimento; é esta partilha na sua vida em comunidade que os une.

À nossa frente, ajoelhados sobre cascas de nozes dispersas e folhas caídas de um espinheiro, dois homens, virados um para o outro no chão, faziam girar à vez um pau com sessenta

centímetros de comprimento entre as palmas das mãos, friccionando esta vara que, pouco depois, largou uma baforada de fumo da extremidade inferior em contacto com um pedaço escuro de madeira macia. À vara, chamam macho; ao pedaço de madeira com uma covinha na ponta, fêmea. Saltaram fagulhas da madeira quente e um dos homens provocou mais fagulhas ao erguer a madeira incandescente e levemente fumegante e ao soprá-la com os lábios afunilados, como se fosse dar-lhe um beijo. Espalhou cascas e folhas secas sobre a madeira e depois uma mão-cheia de gravetos. Tínhamos fogo.

Greves na Grécia cortaram a energia elétrica em muitas cidades, e espera-se que o Governo não pague a dívida, mergulhando a Europa numa profunda incerteza, pondo em causa o futuro do euro. O efeito de contágio pode fazer perigar a viabilidade dos bancos americanos. Multidões que lançam pedras e protestam contra as medidas de austeridade cada vez mais gravosas começaram a saquear estabelecimentos em Atenas...

Pareciam notícias de outro planeta, um planeta escuro e caótico, não este sítio ofuscante de gente pequena e dócil, a sorrir nas sombras do mato rasteiro, de mulheres a arrancarem raízes com os seus gravetos, uma reclinada numa zona de sombra mosqueada, a amamentar o bebé com um ar satisfeito.

Eram poupados às metáforas confusas e estranhamente órficas do mercado em queda — *A crise do subprime foi só a ponta do icebergue de um colapso económico e Os empréstimos não conseguiram pôr termo à baixa das cotações bolsistas. O défice nos governos regionais de Espanha subiu 22 por cento para quase 18 mil milhões de dólares e A economia da cidade de Nova Iorque enfrenta um risco extremo de queda devido à crise da dívida da Europa, porque os seus bancos possuem mais de 3 mil milhões de dólares de ativos* — e à conclusão ridícula de que o dinheiro era apenas papel colorido

e amachucado, não muito diferente do invólucro de um doce, e de que o próprio mercado era pouco mais do que um casino. *Pelo décimo dia consecutivo...* O pânico, a raiva, a impotência das pessoas confinadas a cidades estagnadas como macacos enjaulados. *Se a Grécia não pagar a sua dívida, entrará numa espiral mortífera.*

Enquanto o fogo crepitava, foram espalhadas mais raízes na fogueira.

— Olhe, senhor Bawl...

Um homem de cócoras, com um cordão de fabrico caseiro de vime e gavinhas entrelaçadas, tinha feito uma armadilha que prendeu a um ramo inclinado e, em bicos de pés na areia, mostrou-me como é que a armadilha agarrava as patas pesadas de uma ave descuidada, uma galinha-do-mato, talvez — abundavam por aqui —, que seria apanhada e assada na fogueira. Indicaram-me as plantas venenosas e falaram-me sobre os escaravelhos que esmagavam e aplicavam às pontas das setas para as tornar mortíferas, sobre as folhas que usavam para aliviar a dor de estômago e os gravetos para desinfetar uma ferida, para curar um eczema.

Este Povo Real, os Ju'hoansis, tinha sido perseguido, oprimido, massacrado e expulso a partir do momento em que os primeiros brancos desembarcaram nesta zona de África, em 1652. Os brancos foram Jan van Riebeeck, a mulher e o filho, e o seu grupinho de holandeses que chamaram ao território Groot Schur, Boa Esperança, onde se instalaram e plantaram vegetais para um «posto de abastecimento» destinado a abastecer navios holandeses que rumavam à Ásia Oriental.

Meticulosos quanto ao tema da raça, com o temperamento holandês dado a distinções elaboradas, criaram uma taxonomia para descrever o povo indígena, designando os Khoikhois, que apascentavam cabras, por «Hotentotes» (imitando os estalidos alveolares que eles davam ao falar), os Bantos por «kaf-firs» (infiéis — os Holandeses tinham ido buscar a palavra aos

antigos portugueses que a ouviram aos mercadores árabes), e os !Kung Sans por «Boxímanes», devido ao seu habitat preferido. Foram os pastores khoikhois que deram o nome aos Sans — um termo depreciativo que significava «sem gado» (no sentido de serem atrasados). Todos foram rechaçados do território de que os Holandeses se apoderaram, e, embora todos os grupos oferecessem resistência, os chamados !Kung Sans retiraram-se bastante depressa, mas não o suficiente. Foram perseguidos por desporto no fim do século XIX pelos Bóeres. Porém, este povo supostamente inculto — recoletores e caçadores autossuficientes, que detestavam a cidade e aparentemente viviam à margem da economia mundial — viria a ser o último a rir, na minha opinião.

Mesmo mais tarde, quando estes Ju/'hoansis que eu visitava haviam largado as suas contas e pousado os arcos, as flechas e os paus de escavação, trocando a linda pele que usavam por roupas ocidentais esfarrapadas — calças rotas, t-shirts desbotadas, sandálias de plástico, saias e blusas; roupa usada enviada em fardos da Europa e dos Estados Unidos — mesmo nessa altura, o pano não desceu. Os Ju/'hoansis continuavam a parecer antigos, indestrutíveis e sabedores, completamente habituados à vida no mato, lidando com o mundo exterior por intermédio de sorrisos serenos ante a sua insensatez e incompetência.

Isso foi o que eu vi. Ou seria uma ilusão? Talvez o que eles me mostravam fosse uma reencenação convincente dos velhos costumes, como Mohawks num cortejo moderno, envergando casacos de pele de veado enfeitados com contas e remando com pagaias em canoas de casca de bétula no rio Hudson. Quem considerasse típico o comportamento dos Ju/'hoansis, como alguns antropólogos tinham escrito, estava a perpetuar

um mito que fora afetuosamente inventado, um travestismo no verdadeiro sentido da palavra, uma simples mudança de vestes, romanceando uma vida que pertencia ao passado e se perdera para sempre.

É verdade que os Ju/'hoansis se haviam dispersado e reinstalado, atormentados pelo alcoolismo e muitos deles degradados pela vida citadina, mas tinham mantido uma parte da sua cultura. A sua língua estava intacta; conservavam os seus contos populares e a sua cosmologia; tinham retido e transmitido as suas estratégias para sobreviver no mato. Muitos ainda perseguiram a caça grossa, ainda caçavam, embora não com setas envenenadas; alguns ainda complementavam a sua dieta com raízes e conseguiam acender uma fogueira esfregando gravetos uns nos outros. O seu sistema de parentesco — família, relações, dependências — permanecia inalterado.

Vestidos de farrapos e não de peles, nem por isso pareciam menos o Povo Real. Mas talvez eu visse o que precisava de ver. As suas técnicas tradicionais intactas, a mente (presumi eu) sintonizada com os velhos costumes. Até tinham uma maneira peculiar de andar. Ao contrário do habitante da cidade, aquele indivíduo com uma postura desleixada que arrasta os pés e sorri à distância, os Ju/'hoansis andavam atentos. Nunca deambulavam nem se curvavam; deslocavam-se depressa mas em silêncio, o corpo ereto, à escuta enquanto caminhavam, apoiando-se ligeiramente nos calcanhares, baléticos nos movimentos, como se dançassem no mato em vez de andarem.

Possuíam o temperamento adequado para lidar com a austeridade firme do clima semidesértico e demonstravam uma compreensão solidária para com os animais que caçavam. Mas nunca se haviam equiparado aos que os perseguiram, designadamente os !Kung Sans e os Hereros, a par dos brancos. Alguns !Kung Sans que tinham o azar de viver perto das cidades

tinham sido envenenados e neutralizados pela efervescente *os-hikundu*, a cerveja caseira que os namibianos faziam de sorgo fermentado e vendiam nas aldeias e nos *shebeens*. (*Shebeen*, uma palavra irlandesa que significa «cerveja de má qualidade», foi levada para a África Meridional por migrantes da Irlanda e usa-se para descrever tabernas esqueléticas.)

Devido à sua cortesia aparente, à complexidade das suas crenças e à sua antiga linhagem, as agências internacionais e as ONG tinham um fraquinho pelos !Kung Sans. Assim como os antropólogos: os !Kung Sans figuravam entre os povos africanos mais intensivamente estudados. Mas os que os protegiam tinham muito mais a aprender com eles do que a ensinar-lhes. Eram sobretudo gente pacífica, igualitária, que se desenvolvera graças à tradição de partilha e de vida em comum. Em termos históricos, haviam-se embrenhado mais no mato em vez de enfrentarem o extermínio numa guerra fútil. Eram dotados de uma paciência assinalável e conseqüentemente um povo satisfeito. Chegaram aqui antes de todos os outros — caçando, fazendo fogo, desenterrando raízes — e eu estava convencido de que ficariam aqui depois de o resto do mundo se destruir a si próprio.

Tinham vivido sempre à margem. Poderia algum estrangeiro de uma organização de beneficência que recolhia dinheiro e oferecia roupas usadas, e os benevolentes simpatizantes que lhes ofereciam material de apoio, mostrar-lhes um estilo de vida melhor? As circunstâncias, sobretudo políticas, determinaram que os Ju/'hoansis ficassem confinados a um único sítio, e embora fossem por hábito nômadas, haviam adquirido conhecimentos de agricultura e pecuária. Mas se historicamente eram caçadores-recoletores, com uma ligação à terra que consideravam a mãe da vida, não continuariam a sê-lo?

Muitos africanos são pessoas de culturas que retrocederam, os resquícios dispersos de antigos reinos que foram destruídos ou subvertidos por traficantes de escravos oriundos da

Arábia e da Europa — os reinos de Daomé e do Congo, o vasto império quatrocentista da África Meridional conhecido por Monomatapa. À semelhança do povo camponês da velha Europa, muitos africanos perderam ou abandonaram as suas técnicas tradicionais de fabricar coberturas de colmo, fundir o ferro, trabalhar a madeira, recolher alimentos, cultivar a terra, e a maior competência de todas, o respeito mútuo e a justiça que contribuíram para que as pessoas vivessem em conjunto e em paz. Dentro de algumas décadas, a maioria dos africanos viverá em cidades. Hoje em dia, duzentos milhões de pessoas da África subsahariana vivem em bairros de lata, o maior número de habitantes em bairros de lata do mundo, segundo o «Relatório do Estado das Cidades Africanas de 2010» do Habitat das Nações Unidas. E «bairro de lata» é uma palavra bastante enganadora para estes sítios sem futuro — como eu iria ver —, onde a desorganização é assombrosa.

Na vila mais próxima da pequena aldeia dos Ju/'hoansis, as encruzilhadas de Tsumkwe, cerca de quarenta e cinco quilómetros mais adiante, havia algumas comodidades: uma loja que vendia produtos enlatados, pão e rebuçados, uma bomba de gasolina e um simulacro de mercado de rua — uma fila de sete bancas improvisadas que vendiam roupas usadas, carne, cerveja caseira e, na última banca, extensões de cabelo. Os feirantes bocejavam ao calor; o negócio era fraco.

Durante anos, eu ansiara por visitar o povo !Kung San e deambular pelo país. E havia outro motivo. Para um livro meu anterior, *Viagem por África*¹, tinha viajado por terra do Cairo à Cidade do Cabo, descendo o bordo direito de África. Desta vez, como me agradava a simetria do empreendimento; pretendia

¹ Título original: *Dark Star Safari*. (N. do T.)

retomar a minha viagem na Cidade do Cabo e, depois de ver como a cidade mudara em dez anos, seguir para norte noutra direção, subindo pelo bordo esquerdo até encontrar o fim da linha, na estrada ou na minha mente.

Mas eu ainda tinha outros motivos, igualmente prementes. O principal era afastar-me fisicamente de pessoas que desperdiçavam o meu tempo com trivialidades. «Considero que a mente pode ser sistematicamente profanada pelo hábito de atribuir importância a coisas triviais», escreveu Thoreau no seu ensaio «Life Without Principle», «de tal modo que todos os nossos pensamentos podem ser eivados de trivialidade».

Ao afastar-me, eu queria frustrar os perseguidores e os importunos, ser inacessível e não viver às ordens dos que enviavam emails, faziam telefonemas e diziam «Ei, atingimos o prazo!» — o prazo de outras pessoas, não o meu. Viajar à vontade, longe do olhar ou do alcance de alguém, é a felicidade. Eu tinha conquistado esta liberdade: como acabara um romance pouco tempo antes e estava cansado de passar um ano e meio sentado à secretária, queria sair de casa — e não apenas sair, mas ir para bem longe. «O meu objetivo ao fazer esta viagem maravilhosa não é iludir-me mas descobrir-me nos objetos que vejo», escreveu Goethe no seu *Diário Italiano*. «Sobretudo, nada é comparável à nova vida que uma pessoa reflexiva experimenta quando observa um novo país. Embora continue a ser sempre eu, acredito que fui modificado até à medula dos ossos.»

África incitou-me a continuar por ser ainda tão vazia, tão aparentemente inacabada e cheia de possibilidades, e é por isso que atraí intrusos, analistas, voyeuristas e filantropos amadores. Uma grande parte dela ainda é selvagem e, apesar da fome, tem esperança, porventura consequência do seu desespero. «Deem-me um estado selvagem cujo olhar nenhuma

civilização consiga suportar», escreveu Thoreau em «Walking», «como se vivêssemos na medula óssea dos kudus devorados crus». Viajar em África também foi a maneira de eu me opor à crescente velocidade da tecnologia — resistir-lhe e abrandar, aprender a ser paciente e estudar o mundo desse modo.

África tinha mudado, e, passados dez anos, eu também. O mundo envelhecera e a natureza da viagem propriamente dita continuara a mudar e a acelerar. Diz-se que o mundo que se conhece nunca foi tão bem conhecido nem esteve ao nosso alcance com tanta facilidade. Em 2011, o ano em que eu andava na estrada, a Namíbia recebeu um milhão de turistas estrangeiros, e a África do Sul quase o dobro. Mas estes visitantes permaneciam em rotas seguras e muito frequentadas. Em muitos sítios da África do Sul era raro ver-se um turista, e, na Namíbia os turistas limitavam-se aos parques naturais e ao litoral e raramente se aventuravam no extremo norte, a fronteira inóspita de Angola. Quanto aos viajantes mais afoitos, os mochileiros e errantes, eu ainda não conhecera nenhum que tivesse mesmo atravessado a fronteira para Angola.

Apesar de o mundo conhecido ser muito visitado e locais distantes figurarem no itinerário dos turistas (Butão, as Maldivas, o delta do Okavango, a Patagónia), há sítios onde não vai nenhum estrangeiro. Os ricos viajam para pistas distantes, em África, em aviões fretados, com os seus próprios guias e chefs *gourmet*. Os outros viajam em grupo ou andam ao acaso, de mochila às costas. Todavia, há locais que não se veem, inacessíveis ou demasiado perigosos. Muitos trilhos no mato não levam a parte nenhuma. E alguns países estão encerrados até ordem em contrário. A Somália, numa situação de anarquia, não é itinerário para ninguém exceto para os traficantes de armas. O Zimbabwe, uma tirania, não é hospitaleiro. E outros — o Congo é um bom exemplo — não têm

estradas dignas deste nome. Mas ainda que existissem estradas, uma grande parte do Congo é uma zona hostil com milícias, chefes locais e senhores da guerra, tal como era quando Henry Morton Stanley o atravessou a pé e por rio.

No decurso do meu planeamento, continuei a ler que islamitas militantes se fartavam de matar infiéis ou de fomentar a desordem no Níger e no Chade, e, na Nigéria, os chamados gangues do Boko Haram, muçulmanos que não suportavam ver nigerianos ocidentalizados, matavam qualquer homem que usasse calças e camisa, ou uma mulher de vestido. Estes grupos procuravam alvos vulneráveis — mochileiros, gente sem destino certo, pessoas como nós.

Por isso, parti para esta viagem com um pressentimento. Um homem que viajou durante cinquenta anos é um alvo fácil: sozinho, após a idade da reforma e conspícuo num país como a Namíbia, onde a esperança média de vida é quarenta e três anos. Consolei-me, pensando que a imagem improvável de um velho a viajar sozinho em África significava que, quem me visse, se ria de mim como se eu fosse um excêntrico. Com roupas coçadas, como era o meu caso, com um relógio de 20 dólares, uns óculos de sol baratos e um pequeno telemóvel em plástico de 20 dólares, porque valeria a pena assaltarem-me?

Também desconfiava que esta viagem seria uma espécie de adeus. Para muitos escritores mais velhos, e outros nem tanto, uma temporada em África era uma viagem de despedida. A última a sério em que Joseph Conrad embarcou, vinte e oito dias a pilotar um barco que subiu e desceu o rio Congo, constituiu a base da intensa novela *O Coração das Trevas*, que ele escreveu oito anos depois de regressar de África, descrevendo o livro como «uma experiência que foi um pouco (e mesmo muito pouco) além dos factos reais.» Depois de uma vida inteira a viajar, Evelyn Waugh passou o inverno de 1959 na

África Central e Oriental, e relatou-o em *A Tourist in Africa*. Morreu passados seis anos. Tanto Laurens van der Post como Wilfred Thesiger passaram uns anos a viajar em África — Van der Post no deserto do Calaári, Thesiger no interior do Quênia — e escreveram sobre isso. O derradeiro safari de Hemingway, a sua última viagem a sério, foi à África Oriental em 1953-1954 e, apesar de se ter suicidado seis anos mais tarde, a sua versão ficcionada do safari, *True at First Light*, editada pelo filho Patrick, foi publicada postumamente em 1999. Depois de V.S. Naipaul publicar *A Máscara de África*, uma interrogação prolongada sobre «a natureza da fé africana» em seis países africanos, esclareceu que este seria o seu último livro de viagens.

África pode ser implacável, e uma parte dela francamente assustadora, mas, como demonstrou a experiência de Naipaul, também pode ser agradável para um viajante doente e velho. Talvez esperem que as pessoas digam: «Vai para casa, velhote.» Mas não. Em geral, África não manda ninguém embora.

E portanto este continente, o mais verde, pareceria a paisagem ideal para uma viagem de despedida, uma maneira de homenagear o mundo natural e o paraíso violado das nossas origens. «Todas as fomes da vida estão ali bem expressas», escreveu o escritor e viajante V.S. Pritchett acerca de Espanha há cinquenta anos. Mas o que ele disse poderia aplicar-se igualmente a África. «Vemos as fomes primitivas que passámos e todavia, graças a um ato curioso de estoicismo, fatalismo e letargia, as paixões da natureza humana são ceticamente refreadas.» Em África, vemos a história humana virada ao contrário, e é possível descobrirmos onde errámos.

«África devolve-nos a necessária sensação de que o mundo é vasto, prodigioso e nobre», escreveu outro viajante, e exatamente acerca desta região, Jon Manchip White, em *The Land God Made in Anger*. «Apesar do que afirmam os pânditas, o nosso planeta não está superlotado nem é desprezível.»

Todas as viagens solitárias concedem uma espécie de licença especial que nos permite ser quem queremos ser. Há muitos países em perigo ou sítios cujo futuro está ameaçado. Estou a pensar na radioativa Ucrânia, na anárquica Tchetchénia, nas superpopuladas Filipinas ou na tiranizada Bielorrússia. Todos eles podiam ser ajudados, mas quando uma celebridade, um ex-presidente ou uma glamorosa figura pública deseja fazer uma aparição caridosa é quase sempre em África, por causa do exotismo — ou será o dramatismo do elevado contraste a preto e branco, ou o facto de ser hipnoticamente ininteligível? Em África, a licença do viajante é ilimitada, e a própria África amplia a experiência como mais nenhum continente é capaz de fazer.

Quando eu seguia o enérgico e veloz povo Ju/'hoansi através do mato soalheiro de Nyae Nyae, percebi que estava onde queria. E que esse tipo de viagem era uma maneira de recuperar a minha juventude, porque, quando eu tinha vinte e um anos e era professor numa pequena escola da África rural, passei alguns dos anos mais felizes da minha vida, anos de liberdade, amizade e grande esperança.

Se tinha uma premonição em relação a esta viagem, era porque viajar para o desconhecido também se pode equiparar a morrer. Depois da angústia das despedidas e da própria partida, parece que diminuímos, que nos tornamos cada vez mais pequenos, que desaparecemos ao longe. Com o tempo, ninguém sente a nossa falta, exceto naquele tom informal e ligeiramente trocista de «O que aconteceu àquele velho tal e tal, que ameaçou partir para África?» Partimos, ninguém depende de nós, e quando somos apenas uma memória ténue, há uma amargura que se infiltra na recordação, como aquela que reservamos frequentemente aos mortos por terem morrido. Para que servimos, inacessíveis e tão longe?

E isso transforma-nos em dois fantasmas, porque, no país distante, também somos como um espectro, com a cara colada

à janela de outra cultura, a contemplar a nossa vida. E muito do que vemos, tal como a existência harmoniosa no mato, tem outra face.

Levei algum tempo a perceber que a janela de África, à semelhança da de um comboio que se desloca através da noite, é um espelho que distorce e que reflete em parte a própria cara de quem o vê. No meio dos Ju'hoansis, eu assistia de facto a uma reencenação, e compreendi que o povo que se autodenominava o Povo Real era, infelizmente, irreal. O mundo heroico e pagão dos Ju'hoansis de pele dourada era uma ilusão. Eu esperava encontrar essa raridade no mundo, uma região aprazível e não contaminada, mas o que encontrei foi um povo desesperado, almas tristes, estáticas e desprovidas de esperança, não indestrutíveis, como eu julgara, mas muito necessitadas de salvamento.